

AS REPRESENTAÇÕES DO SER MULHER NA OBRA “UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO”, DE ANGÉLICA FREITAS

THE REPRESENTATION OF BEING A WOMAN IN “UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO” WORK, BY ANGÉLICA FREITAS

Sabrina Crisóstomo da Silva **1**
Rosiene Almeida Souza Haetinger **2**

Resumo: Este estudo busca analisar os poemas “porque uma mulher boa”, “mulher de vermelho” e “mulher depois”, da obra “Um útero é do tamanho de um punho”, de Angélica Freitas. As análises têm como objetivo refletir sobre representações do ser mulher presentes nos poemas e compreender como são apresentadas aos leitores. O artigo fundamenta-se em reflexões presentes nos livros “Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, de Judith Butler e “O que é lugar de fala?”, de Djamila Ribeiro. Dessa forma, teoriza-se acerca da mulher e, em seguida, analisam-se os poemas mencionados. Compreende-se que o livro de Angélica Freitas possibilita a reflexão acerca das representações impostas pela sociedade falocêntrica e binária de forma irônica e crítica, o que contribui para que as mulheres tenham lugar de fala e possam transcender.

Palavras-chave: Mulher. Representações femininas. “Um útero é do tamanho de um punho”. Angélica Freitas.

Abstract: This paper analyzes the poems “porque uma mulher boa”, “mulher de vermelho” and “mulher depois”, from the book “Um útero é do tamanho de um punho”, by Angélica Freitas. The analyzes have as the goal to reflect on representations of being a woman proposed in the poems and to understand the way they are presented to readers. The article is based on reflections presented in the books “Segundo Sexo”, by Simone de Beauvoir, “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, by Judith Butler and “O que é lugar de fala?”, by Djamila Ribeiro. Then, there is a theoretical study about the woman and, subsequently, the analyzes of the mentioned poems. It is understandable that the book by Angélica Freitas enable the reflection on the representations imposed by the phallogentric and binary society in an ironic and critical way, which contributes for women taking place on speaking and for transcending.

Keywords: Woman. Feminine representations. “Um útero é do tamanho de um punho”. Angélica Freitas.

Graduanda de Letras na instituição Centro Universitário Univates. **1**
Atualmente é bolsista de iniciação científica e de Iniciação à Docência (PIBID - Português) no Centro Universitário Univates.
E-mail: sabrina.silva@universo.univates.br

Doutoranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (desde **2** 2017), mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2004) e licenciada em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2002). Atualmente é professora da área de literatura da Universidade do Vale do Taquari (Univates). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, poesia, intertextualidade, ensino de literatura e literatura comparada.
E-mail: rosienes@univates.br

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as representações do *ser mulher* nos poemas *porque uma mulher boa*, *mulher de vermelho* e *mulher depois*, da obra *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas. Isto é, almeja-se investigar como o sujeito feminino é representado nas obras poéticas e, também, refletir sobre os motivos pelos quais é apresentado de determinado modo ao leitor.

Em geral, percebe-se que há filmes, séries e livros que apresentam personagens femininos a partir de uma visão masculina, ou seja, o homem indica o que é ser mulher. Conforme Beauvoir (2015), essa lacuna no *lugar de fala* da mulher é um problema presente ao longo da história humana. Para pensar sobre essa situação, é importante voltar-se para perguntas essenciais e primordiais: quem é, realmente, a mulher? E o que significa ser mulher?

Salienta-se que, no decorrer deste artigo, optou-se por referir-se à mulher como o *ser mulher*, pois se deseja refletir sobre indagações mais introspectivas e sociais. Também, é importante evidenciar que a mulher é mencionada a partir de concepções de gênero feminino e não de sexo feminino, para não se restringir a fatores biológicos.

Enfatiza-se também que a palavra representação encontra-se no plural neste estudo, pois acredita-se que, além de ser complexo refletir sobre o verdadeiro eu da mulher, não há somente um, mas sim vários.

Angélica Freitas, autora gaúcha, realiza por meio de versos uma crítica sobre quem é a mulher, como ela é representada, e desconstrói algumas percepções sobre o sujeito feminino. A obra *Um útero é do tamanho de um punho* recebeu o prêmio de melhor livro de poesia pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) no ano de 2012 e foi editada novamente em 2017 pela Companhia das Letras.

O que é ser mulher?

Essa pergunta contém poucas palavras, pequenas e fáceis de pronunciar, e que são utilizadas com certa frequência. Porém, mesmo assim, não é uma pergunta fácil de ser respondida. Mas a questão é o motivo pelo qual ela é complicada. O que, na pergunta *O que é ser mulher?*, faz com que não seja fácil respondê-la? Da mesma forma, qual o motivo de ser tão complicado definir o que é ser mulher?

Para tentar responder a essas perguntas, primeiramente serão observadas algumas palavras. A primeira será o verbo *ser*, que é anômalo, pois apresenta alterações no radical. A palavra, além de verbo, pode ser um substantivo masculino.

Seguem abaixo alguns verbetes referentes à palavra *ser* conforme o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:

5. Estar, ficar; tornar-se: Sonhamos. Quando um dia, eu for velhinho, barra hei de encontrar-te, velha, no caminho." (Guilherme de Almeida, *Toda a Poesia*, II, p.13). [...] 9. Ser muito parecido com; ser a cara de: "Minha mãe entre lágrima: barra - Mano Cosme, é a cara do pai, não é? barra - Sim, tem alguma cousa, os olhos, a disposição do resto. É o pai, um pouco mais moderno". (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 281). [...] 23. A natureza íntima de uma pessoa; sua essência: a ofensa abalou-o até o mais íntimo do seu ser (FERREIRA, 2004, p. 1832, grifos nossos).

Conforme os verbetes acima, nota-se que a palavra *ser* é complexa e demonstra diferentes usos. Unindo a pergunta, na qual há a reflexão sobre o ser mulher, com o quinto verbebo, o *ser* pode se referir a um *estado de mulher*, ou seja, estar ou se tornar mulher. Em sequência, por meio do nono verbebo, é possível problematizar questões como: o que é parecer uma mulher? É ter características femininas? O vigésimo terceiro verbebo contribui na resolução desses problemas, pois demonstra que o *ser* é, também, a essência de uma pessoa, ou seja, está ligado à sua intimidade.

Dessa forma, percebe-se que quando uma pergunta possui a palavra *ser* na sua construção, por si só será difícil encontrar a resposta, já que *ser* pode estar ligado à identidade, outra palavra

complexa. Portanto, neste momento, esse outro termo também será observado, pois compreende-se que o *ser* existente na pergunta *O que é ser mulher* faz referência à identidade.

Segue um verbete presente no mesmo dicionário: “**3.** O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou conhecido: *estabelecer a identidade de peças tombadas*” (FERREIRA, 2004, p.1066, grifos nossos).

Após ler o verbete, que demonstra um dos significados de identidade, surge um novo questionamento. Será que o ser mulher é considerado como tal a partir de aspectos coletivos que o definem ou o reconhecem?

Com essa nova dúvida e após conceber os significados de *ser* e de *identidade*, será observada neste momento a palavra *mulher*, a partir do mesmo dicionário.

Seguem abaixo os verbetes referentes à *mulher*:

1. O ser humano do sexo feminino. **2.** Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade: *os direitos da mulher*. **3.** A mulher (1) na idade adulta. **4. Restr.** Adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça. **5.** Mulher (1) dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição): *Como mulher, sabe apoiá-lo na justa medida*. **6.** A mulher (1) considerada parceira sexual o homem. **7.** Cônjuge do sexo feminino; a mulher (1) em relação ao marido; esposa. **8.** Amante, companheira, concubina. **9.** Mulher que apresenta os requisitos necessários para um determinado encargo: mulher de negócios. **10.** Uma mulher (1) qualquer [...] (FERREIRA, 2004, p. 1371).

Dessa maneira, de acordo com o dicionário de Ferreira (2004), mulher significa primeiramente o ser humano do sexo feminino, ou seja, de acordo com este primeiro verbete são os aspectos biológicos que diferenciam os homens das mulheres. Já a partir do terceiro verbete, compreende-se que ser mulher está ligado à fase adulta e, reforçando isso, o quarto verbete demonstra a questão da adolescência, ser mulher após a puberdade.

Na sequência, no quinto verbete, ser mulher não está mais ligado somente ao físico, mas sim a “qualidades e sentimentos femininos” (FERREIRA, 2004, p. 1371). Nesse sentido, ser mulher seria ter carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição. Não possuir tais características significaria não ser mulher, mesmo encaixando-se nos primeiros verbetes? Ainda, conforme esse significado, a mulher aparenta ser o apoio de um homem, já que apoiá-lo faz referência ao sexo masculino, e sabe como apoiar, uma vez que possui as “qualidades próprias de uma mulher” (FERREIRA, 2004, p. 1371).

Os verbetes sexto, sétimo e oitavo prosseguem relacionando o ser mulher ao homem, como se este a determinasse de certa forma. Em vista disso, mulher significaria parceira sexual, esposa, amante e concubina do homem. Porém, se um dos significados de ser é “a natureza íntima de uma pessoa; sua essência” (FERREIRA, 2004, p. 1832), ser mulher não seria definido por meio da introspecção? Ou seja, alguém se perceberia mulher a partir da sua própria concepção?

Vale salientar que os verbetes da palavra mulher estão presentes em um dicionário editado no ano de 2004 e que certos conceitos mudaram nos últimos anos. Porém, é curioso que tais verbetes relacionem a mulher à biologia e ao homem, em 2004, uma vez que a filósofa Simone de Beauvoir problematizou tais questões em 1949. Contudo, para demonstrar o quanto alguns conceitos mudaram, seguem abaixo alguns verbetes sobre mulher disponíveis no dicionário online Priberam¹ (2018, texto digital):

1. Ser humano do sexo feminino ou do gênero feminino (ex.: *o casal teve três filhos: duas mulheres e um homem; a mulher pode ovular entre a menarca e a menopausa; mulher transgênero*).

¹ Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/mulher>>. Acesso em: 24 maio 2018.

2. Pessoa do sexo ou gênero feminino depois da adolescência (ex.: *a filha mais nova já deve estar uma mulher*). = MULHER-FEITA, SENHORA
3. Pessoa do sexo ou gênero feminino casada com outra pessoa, em relação a esta (ex.: *o padre declarou-os marido e mulher*). = CÔNJUGE, ESPOSA
4. Pessoa do sexo ou gênero feminino com quem se mantém uma relação sentimental e/ou sexual (ex.: *eu e minha mulher escolhemos não casar*). = COMPANHEIRA, PARCEIRA
5. Conjunto de pessoas do sexo ou gênero feminino (ex.: *defesa dos direitos da mulher*).
6. Que tem qualidades ou atributos considerados tipicamente femininos (ex.: *considera-se muito mulher em tudo*).

A partir dos verbetes, compreende-se que há grande semelhança com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), mas com algumas mudanças. A primeira é a inserção da palavra gênero, o que faz com que o significado de mulher não se restrinja a fatores biológicos. A segunda é a questão de que mulher pode ser esposa do gênero ou sexo feminino em relação a outra pessoa e não mais somente ao homem. A terceira está associada ao sexto verbebo, já que não há mais referência a carinho, compreensão, qualidades que O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa relaciona à mulher.

A partir de tais reflexões, compreende-se que realmente a pergunta *O que é ser mulher* é complicada de ser respondida. Pensar em questões relacionadas à identidade já apresenta certa complexidade, que aumenta ao se pensar em identidade relacionada à mulher. Desse modo, para prosseguir nesse questionamento, o referencial teórico será embasado em conceitos de Simone de Beauvoir (2015), a partir da sua obra *Segundo Sexo*.

Simone de Beauvoir é uma filósofa existencialista francesa que em vida lecionou nas cidades Marseille, Rouen e Paris. Sua obra *Segundo Sexo* foi de grande importância para o movimento feminista. Nesse livro, Beauvoir (2015) reflete sobre o que significa ser mulher e quais são as características que a definem como tal. Conforme a filósofa, houve alguns comentários no decorrer da história humana que demonstravam que alguém era considerado mulher por ter um útero. Dessa maneira, se as pessoas fossem mulheres somente por isso, ela seria determinada por causa de seu corpo e a pergunta base *O que é ser mulher?* seria respondida por: uma pessoa é mulher pelo físico que possui, pelo corpo que tem. Porém, a ideia de que ter um útero define alguém como mulher não é o bastante para sanar a dúvida, já que, conforme Beauvoir (2015):

[...] uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica (BEAUVOIR, 2015, p. 57).

Assim, pode-se dizer que as pessoas não são mulheres somente por ter ou não um útero, pois, conforme Beauvoir (2015), o ser humano não é somente a sua natureza biológica, mas está submetido à segunda natureza, aos costumes, os quais interferem na sua própria existência. Logo, o corpo da mulher “só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade” (BEAUVOIR, 2015, p. 58). Assim, percebe-se que não é suficiente responder *O que é ser mulher* por meio de aspectos biológicos.

Consequentemente, volta-se para o ponto de partida e novamente compreende-se que não é fácil responder à pergunta. Discussões sobre mulher e questões pertinentes e referentes a ela são complicadas, já que, conforme Beauvoir (2015), se encontra cercada de mistério e de temáticas aparentemente censuradas.

A mulher é misteriosa porque o mundo parece ser definido pela visão masculina. Os autores universalmente conhecidos, na sua maioria, são homens, da mesma forma que os filósofos, os políticos, os artistas. Ou seja, há um grande número de homens que leem e escrevem sobre o mundo, mas, em contrapartida, também há mulheres que atuam de forma ativa, porém nem sempre são reconhecidas da mesma maneira. A partir disso, compreende-se que em função do homem não conhecer tão bem a visão da mulher sobre o mundo, esta se encontra cercada de mistério.

Nesse contexto, discutir sobre a mulher pode significar adentrar em temáticas aparentemente censuradas, abordar questões exteriores e interiores a ela. Ou seja, temas como seu corpo, sua visão de mundo, seus medos e sua sexualidade estarão presentes em tais reflexões. Em vista disso, percebe-se que não só a mulher, mas também assuntos ao seu redor podem ser silenciados em alguns espaços e situações, assim tornando-a um tabu.

Desse modo, pode-se perguntar:

Quem é ela? Um anjo, um demônio, uma inspirada, uma comediante? Ou se supõe que existem para essas perguntas respostas impossíveis de descobrir, ou antes, que nenhuma é adequada porque uma ambiguidade fundamental afeta o ser feminino; em seu coração, ela é para si mesma indefinível: uma esfinge (BEAUVOIR, 2015, p. 256).

Compreende-se que o ser mulher por si só é um mistério e, em alguns momentos, um tabu. Isso porque, conforme Beauvoir (2015), a mulher é o Outro, situação que é determinada pelo Sujeito, o homem. Ser o Outro significa que a mulher é desconhecida, temida, mitificada, ou seja, alguém definido por outra pessoa, mas não ela mesma. Salienta-se que o Outro “é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio” (BEAUVOIR, 2015, p. 19).

Portanto, é possível que a pergunta *o que é ser mulher?* possa ser respondida com “ser o Outro”. Porém, se reconhecendo como tal, a mulher pode transcender o papel imposto pelo Um, e tornar-se quem quiser ser e ter autonomia para ocupar os espaços que desejar.

Pluralidade e lugar de fala

Com Simone de Beauvoir é questionado o que significa ser mulher e o que é ser mulher. A filósofa francesa afirma que não se nasce mulher, mas sim se torna mulher. Essa afirmação gerou muitos estudos no decorrer dos anos, e um deles é o da filósofa norte-americana Judith Butler, em sua obra *Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*.

Butler (2016), a partir dos estudos de Beauvoir sobre o que é ser mulher, demonstra que ao abordar o ser feminino é preciso utilizar o plural, e não mais o singular, pois não existe somente uma maneira de ser mulher, mas várias. Essa observação feita por Butler contribui para o contexto feminista, pois a autora demonstra o quão importante é abordar o que é ser mulher além da heterossexualidade compulsória, pois as discussões acerca da mulher transcendem a restrição binária, ou seja, vão além de gênero masculino e feminino:

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam, não problemáticamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino

como um feminino (BUTLER, 2016, p. 26).

Nesse sentido, os estudos pautados na noção binária dos gêneros descontextualizam a especificidade, silenciam e invisibilizam a diferença existente, contribuindo para a opressão e o fortalecimento da intolerância com aqueles que não se encaixam no binarismo.

Ainda conforme a autora, as discussões sobre a mulher precisam centrar e descentrar o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória, ou seja, é necessário ver a mulher independente do homem. Dessa maneira, a autora demonstra a importância de considerar na teoria feminista os gêneros além dos *inteligíveis*, que são aqueles em concordância com sexo, gênero, prática sexual e desejo, por exemplo, englobando questões homossexuais e transexuais.

Arrisca-se afirmar que para compreender as mulheres além da prática sexual e do desejo é necessário observá-las em sua introspecção e não em resultados dos regimes de poder existentes na sociedade. É, talvez, considerar a essência humana e o “tornar-se mulher” de Beauvoir,

Para Beauvoir, o gênero é “construído”, mas há um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. É o gênero tão variável e volitivo quanto parece sugerir a explicação de Beauvoir? Pode, nesse caso, a noção de “construção” reduzir-se a uma forma de escolha? Beauvoir diz claramente que alguém “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não do sexo. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea (BUTLER, 2016, p. 29).

A partir disso, compreende-se que a construção do gênero não se restringe ao binarismo, é necessário subverter a identidade de que o ser mulher é um único sujeito, como se não houvesse peculiaridades dentro do conjunto que compõe o feminino. Sendo assim, amplia-se identidade para identidades, considerando todos os componentes do conjunto.

As contribuições de Butler para a teoria feminista são importantes e inovadoras, pois percebe-se que o pensamento hegemônico nos estudos sobre gênero contribui para a repressão do sujeito do feminismo, pois não olhar para a pluralidade resulta na invisibilidade e, conseqüentemente, no silenciamento de mulheres.

Ainda relacionado à identidade das mulheres, Butler afirma que:

Seria errado supor de antemão a existência de uma categoria de “mulheres” que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade, etnia e sexualidade para tornar-se completa. A hipótese de sua incompletude essencial permite às categorias servir permanentemente como espaço disponível para os significados contestados. A incompletude por definição dessa categoria poderá, assim, vir a servir como um ideal normativo, livre de qualquer força coercitiva (BUTLER, 2016, p. 40).

Conforme a autora, considerar as mulheres como seres incompletos que necessitam de algo externo em um primeiro momento pode parecer equivocado. Acredita-se que essa incompletude pode permitir que o binarismo defina o sujeito do feminino, assim como o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. Porém, em contrapartida, essa mesma incompletude pode resultar em certa liberdade de “regras normativas”, ou seja, pode contribuir na construção de identidades que respeitem a individualidade de cada mulher.

Djamila Ribeiro (2017), filósofa brasileira, está em concordância com Butler quando afirma que:

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se

mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto (RIBEIRO, 2017, p. 41).

Não considerar a diversidade no conjunto feminino resulta em lugar de fala para somente um grupo de mulheres, aquelas que se enquadram no falocentrismo e na heterossexualidade compulsória. Dessa maneira, compreende-se, a partir dos estudos de Beauvoir, Butler e Ribeiro, que é importante, na teoria feminista, ao refletir sobre o *ser mulher*, considerar a pluralidade de gêneros e de sujeitos, pois isso poderá resultar em lugar de fala, em uma sociedade mais acolhedora e menos opressora e também em liberdade de *ser*. É essa pluralidade que percebemos na obra *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, cuja análise de três poemas irá corroborar essa visão.

As mulheres de Angélica Freitas: leitura de poemas

Primeiro poema: porque uma mulher boa

porque uma mulher boa

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa
há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava
porque uma mulher braba
não é uma mulher boa
e uma mulher boa
é uma mulher limpa
há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
não ladra mais, é mansa
é mansa e boa e limpa
(FREITAS, 2017, p. 11)

O poema da autora Angélica Freitas inicia com o verso “porque uma mulher boa”. Percebe-se que a palavra “uma” (artigo indefinido) generaliza a “mulher”, pois demonstra que pode ser qualquer pessoa do gênero feminino. Desse modo, a sequência do poema pode determinar às mulheres (em geral) um padrão de ser, o que é visto logo no verso seguinte “é uma mulher limpa”. Compreende-se que, de forma irônica, o eu-lírico demonstra que uma mulher boa é uma mulher limpa. Não há espaço para dúvidas, uma vez que não têm palavras como “talvez”, “pode”. Nesse sentido, acredita-se que é determinado o que torna uma mulher boa.

Porém, o que faz uma mulher ser limpa? O que significa ser limpa? Quem determina isso? O eu-lírico, na primeira estrofe, mostra que ser limpa é ser boa e ser boa é ser limpa. Logo, as palavras estão interligadas. A palavra “boa” remete a algo aceitável, aprovado, enquanto que

“limpa” é o oposto de suja, pode ser algo puro, aceitável, obediente, que não causa problemas. Nessa concepção, acredita-se que o eu-lírico descreve um padrão de mulher aceitável, a qual é pura, mansa e obediente. Mas uma questão presente no poema é quem é o eu-lírico. Acredita-se que seja a sociedade falocêntrica e binária (BUTLER, 2016), pois ele impõe e reforça um padrão que as mulheres precisam seguir e determina o que é ou não aceitável.

Nos versos “há milhões, milhões de anos/ pôs-se sobre duas patas”, é possível perceber que o eu-lírico relaciona a mulher a um animal irracional, já que utiliza a palavra “patas”. “Pôs-se sobre duas patas” pode significar que a mulher foi domesticada, ou seja, tornou-se limpa e, conseqüentemente, boa. O eu-lírico também afirma que a mulher era considerada “braba” e “suja”. Ser suja é o oposto de ser limpa, ou seja, pura e obediente. Já “braba” pode estar em discordância com boa, logo a mulher de milhões de anos atrás não era aceitável. Porém, será que a mulher de hoje em dia é boa e limpa? Percebe-se que há muitas mulheres e somente um padrão demonstrado pelo eu-lírico, diante disso, talvez, exista a mulher braba e a mulher mansa, que já não ladra mais.

Outro fator que demonstra que o eu-lírico relaciona a mulher ao animal irracional é a palavra “ladrava” presente no poema. Ladrar significa soltar latidos ou até mesmo gritar. Isso posto, a mulher gritava, fazia barulho, ou seja, incomodava. Porém, ao ser domesticada, ao pôr-se “sobre duas patas”, torna-se boa. Isso é comprovado nos versos “não ladra mais, é mansa/ é mansa e boa e limpa”. Compreende-se que a mulher passou por um processo de domesticação, o que é reforçado pela palavra “mansa”.

Se a mulher não ladra mais, após ser domesticada ela não grita, não critica, apenas aceita e é aceita. O que ela deixou de ser ao tornar-se limpa e boa? Se ela não ladra mais, será que alguém grita por ela? Uma mulher boa terá lugar de fala ou foi silenciada?

Conforme Butler (2016), o binarismo constrói e dissemina um ser mulher, o pluralismo é inexistente. Isso é visto no poema quando se utiliza o verbo “é”, sem abertura para outras possibilidades. Compreende-se que a autora trata essa questão no poema “porque uma mulher boa” com ironia e problematiza as representações sociais do ser mulher, incentivando que o leitor questione o que é ser mulher e o que significa tornar-se mulher na sociedade atual. Isso porque demonstra de forma irônica uma representação que a sociedade tenta impor às mulheres, conseqüentemente permitindo a reflexão sobre o que significa tornar-se mulher em um lugar falocêntrico.

Segundo poema: mulher de vermelho

mulher de vermelho
o que será que ela quer
essa mulher de vermelho
alguma coisa ela quer
pra ter posto esse vestido
não pode ser apenas
uma escolha casual
podia ser amarelo
verde ou talvez azul
mas ela escolheu vermelho
ela sabe o que ela quer
e ela escolheu vestido
e ela é mulher
então com base nesses fatos
eu já posso afirmar
que conheço o seu desejo
caro watson, elementar:
o que ela quer sou euzinho
sou euzinho o que ela quer
só pode ser euzinho
o que mais podia ser
(FREITAS, 2017, p. 31)

O nome do poema é somente *mulher de vermelho*, o que já é o bastante para que o leitor

crie um modelo específico em seu imaginário. Isto porque as palavras *mulher* e *vermelho* possuem uma ligação construída socialmente: traz a imagem de uma pessoa do sexo feminino sedutora. O vermelho por si só carrega um significado relacionado à sensualidade:

Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho, cor de fogo e de sangue, possui, entretanto a mesma ambivalência simbólica destes últimos, sem dúvida, em termos visuais, conforme seja claro ou escuro. [...] o vermelho-escuro, bem ao contrário, é noturno, fêmea, secreto e, em última análise, centrípeto; representa não a expressão, mas o mistério da vida. [...] É também a antiga lâmpada vermelha das casas de tolerância, o que poderia parecer contraditório, pois, ao invés de proibir, elas convidam; mas não é, quando se considera que esse convite diz respeito à transgressão da mais profunda proibição da época em questão, a proibição lançada sobre as pulsões sexuais, a libido, os instintos passionais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 944).

Conforme a citação de Chevalier e Gheerbrant (2002), o imaginário construído sobre a mulher de vermelho está ligado à cor de fogo, ao noturno, à sensualidade e ao mistério. Ressalta-se que as questões de gênero e o simbolismo do vermelho serão a base para refletir acerca do poema.

O texto poético de Freitas inicia com uma pergunta: o que será que ela quer/ essa mulher de vermelho? Logo, um querer é imposto à mulher e ao mesmo tempo ele é questionado. Outra questão presente é o pronome “essa”, o “essa” em vez de “a mulher” cria, arrisca-se expressar, certa irrelevância em relação à mulher de vermelho, ou seja, é como se qualquer mulher estivesse presente nessa representação.

Os próximos versos, “alguma coisa ela quer/ pra ter posto esse vestido/ não pode ser apenas/ uma escolha casual”, demonstram novamente a ideia de um querer intrínseco à mulher de vermelho. Beauvoir (2015) afirma que a mulher parece ter um destino traçado, já os homens têm diversidade de escolhas, desejos e sonhos. À vista disso, o ser mulher possui alguns fatores determinados antes mesmo de ser, isto é, antes de ter sua essência clara para si. Um deles está ligado ao motivo pelo qual faz certas ações, por exemplo, usar um vestido vermelho.

O eu-lírico parece ligar algumas informações acerca da mulher de vermelho, como o vestido que ela usa, a cor do vestido e o fato de ela ser mulher, para determinar o seu possível querer. Isso pode ser observado nos versos: “podia ser amarelo/ verde ou talvez azul/ mas ela escolheu vermelho/ [...] e ela escolheu vestido/ e ela é mulher”. A partir desses versos, nota-se que o eu-lírico começa a chegar a uma suposta resposta ao seu questionamento inicial, que é baseado na cor do vestido, no vestido em si e pelo fato de a pessoa de vermelho ser mulher.

Essa conclusão é vista nos versos: “então com base nesses fatos/ [...] o que ela quer sou euzinho/ [...] o que mais podia ser”. Três fatos sobre a mulher de vermelho (vestido, vermelho, mulher) permitiram ao eu-lírico compreender que ela o quer, porém, a pessoa que escolheu o vestido vermelho está em silêncio. Ou seja, a mulher de vermelho não tem lugar de fala (RIBEIRO, 2017) sobre seu próprio querer no poema, o qual pode ou não existir. São feitas suposições baseadas em questões externas à mulher, ou melhor, baseadas em concepções falocêntricas (BUTLER, 2016), uma vez que o desejo da mulher está relacionado ao “euzinho”, ou seja, a um eu-lírico masculino.

Salienta-se também que o eu-lírico fala em fatos - *então com base nesses fatos* - que são, geralmente, pautados em argumentos, na realidade, mas a conclusão acerca do querer da mulher de vermelho está fundamentada somente na visão do eu-lírico masculino, não há outras opiniões e outros olhares sobre a situação. No entanto, é possível perceber que há um sujeito feminino que critica inserido no poema, pois o eu-lírico e irônico possibilita ao leitor refletir sobre essa situação.

Outra observação ressaltada é o gênero do eu-lírico, pois percebe-se que questões internas da mulher, neste caso o porquê fez ou não determinada escolha, são ligadas ao homem. Diante disso, entende-se que a autora Angélica Freitas apresenta um ser mulher visto como o Outro. Isso ocorre porque o homem se compreende como Sujeito e delimita aspectos da mulher que lhe dizem respeito. Tal afirmação significa que ao relacionar o vestido vermelho da mulher a si mesmo, ou

seja, ao dizer que ela usa determinada roupa pois o deseja, demonstra que o homem, Sujeito, enxerga a mulher como o Outro.

Porém, é importante enfatizar que a autora demonstra essa representação com ironia e como crítica social. O poema permite reflexões sobre como a mulher é vista, respeitada e compreendida em seu meio social, o qual, como demonstra Butler, possui características falocêntricas, heterossexuais e binárias. Portanto, acredita-se que sua leitura pode possibilitar rupturas com esses aspectos sociais, o que permitirá à mulher transcender o Outro e ter lugar de fala.

Terceiro Poema: mulher depois

mulher depois
Queridos pai e mãe
tô escrevendo da tailândia
é um país fascinante
tem até elefante
e umas praias bem bacanas

mas tô aqui por outras coisas
embora adore fazer turismo
pai, lembra quando você dizia
que eu parecia uma guria
e a mãe pedia: deixem disso?

pois agora eu virei mulher
me operei e virei mulher
não precisa me aceitar
não precisa nem olhar
mas agora eu sou mulher
(FREITAS, 2017, p. 35)

O que significa ser mulher *depois*? Como visto no referencial teórico, mulher, na sociedade binária e falocêntrica, remete-se ao sexo feminino, ou seja, a uma pessoa que nasceu com órgãos femininos. Porém, o vocábulo “mulher” relacionado à palavra “depois” cria um paradoxo, isto é, se a mulher é alguém que nasce com órgãos considerados femininos, como pode ser mulher *depois*? A partir disso, a pessoa se tornou mulher depois do quê? A análise a seguir estará pautada em questões como essas.

O poema inicia com “queridos pai e mãe”, o que pode remeter a uma carta ou e-mail, ou seja, a um gênero textual utilizado para se comunicar com pessoas que estão distantes. Isso é comprovado no segundo verso - “tô escrevendo da tailândia” -, logo, o eu-lírico se encontra em outro país, enquanto que seus pais estão, provavelmente, no lugar em que nasceu.

O verso “mas tô aqui por outras coisas” demonstra que há algo difícil de ser nomeado ou que é disfarçado pelo eu-lírico, pois a palavra “coisa” é abstrata, usada para nomear diversos objetos ou mesmo situações. Ajuda a nomear algo desconhecido e também a disfarçar.

Pelos versos “pai, lembra quando você dizia/ que eu parecia uma guria/ e a mãe pedia: deixem disso?” percebe-se o motivo do uso de “outras coisas”: ela quer tratar de um assunto aparentemente delicado. Seu pai lhe dizia que parecia uma guria, como resultado sua mãe pedia “deixem disso”, ou seja, “não vamos falar sobre esse assunto”. A atitude da mãe perante o conflito demonstra o que Butler (2016) intitula de falocentrismo. A mãe escolhe abster-se de falar, o que faz com que não discorde e nem concorde com a fala do pai. Consequentemente, não há conflito, mesmo ele sendo necessário. Já o pai, ao dizer que o filho parece uma guria, demonstra que este não deveria ter aspectos considerados femininos, o que reforça o binarismo imposto socialmente. O fato de o pai não querer que seu filho seja mulher dialoga com teorias de Beauvoir (2015), pois a autora afirma que os homens não desejam ser parecidos com o Outro, isto é, o homem não quer ser a mulher, mas a ter, ou seja, manter a relação de Sujeito e Outro.

Em seguida, o eu-lírico diz “pois agora eu virei mulher”. Dessa forma, apesar de tudo, da situação vivida com seus pais, ele tornou-se mulher. Por meio desse verso, percebe-se o motivo

da palavra “depois” no título do poema. Ele, considerado um homem na sociedade binária, virou mulher. Consequentemente, na Tailândia, ele deixa de *parecer* para *tornar-se*.

Porém, ao dizer que operou e virou mulher, compreende-se que, por não nascer com órgãos femininos, não era considerada uma mulher pelos seus pais. Para mudar essa situação, vai à Tailândia, país conhecido pelo acesso à cirurgia de troca de sexo. Consequentemente, percebe-se que o corpo importa (BUTLER, 2016), mesmo que a sociedade falocêntrica e binária exclua as pessoas que não estão de acordo com seus padrões acerca de gênero. Isso também pode ser percebido nos próximos versos: “não precisa me aceitar/ não precisa nem me olhar”, o que demonstra a força da sociedade na qual o eu-lírico nasceu, isto porque o fato de ele virar mulher pode resultar em rejeição, já que seus pais não precisam olhá-lo se não quiserem.

Essa situação exemplifica a teoria de Butler (2016), quando ela diz que o binarismo exclui as pessoas que não se encaixam em suas determinações de sexo, desejo e gênero. O eu-lírico pode ser excluído por sua essência não estar de acordo com os padrões da sociedade binária. Porém, o último verso do poema é “mas agora eu sou mulher”, o que demonstra que, apesar de tudo, de não ser olhada, de não aceitação, agora é mulher. Ressalta-se que no decorrer do poema a palavra “mulher” foi ligada aos verbos “parecer” e “virar”, mas no último verso há o “ser”: “Agora sou mulher”. O *ser* pode demonstrar que o eu-lírico transcendeu as representações impostas a ele durante sua vida. Agora o *ser mulher* tornou-se sua essência. Percebe-se também que, ao transcender, tem lugar de fala (RIBEIRO, 2017). A mulher do poema fala por si mesma e sua essência independente dos fatores externos. Em contrapartida, seu lugar de fala encontra-se longe da sua sociedade natal, o que enfatiza o fato da sociedade binária e falocêntrica silenciar a diferença.

Considerações Finais

Compreende-se que, a partir dos estudos de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Djamila Ribeiro, a questão: “o que é ser mulher?” não é fácil de ser respondida, uma vez que há muitas maneiras de ser e de se sentir mulher. É possível perceber, também, que a sociedade impõe um padrão de ser, e que, conforme Beauvoir (2015), as mulheres podem transcender e, a partir disso, ser o que quiserem ser.

Sob essa perspectiva, o padrão que a sociedade falocêntrica impõe às mulheres não considera a pluralidade do *ser feminino* e o seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017), pois o silencia ao determinar como agir e existir. Sobre a pluralidade, Butler (2016) demonstra que não há um padrão, já que há muitas maneiras de ser mulher.

Foram selecionados três poemas da autora gaúcha Angélica Freitas, *porque uma mulher boa*, *mulher de vermelho* e *mulher depois*, presentes na obra *Um útero é do tamanho de um punho*. A partir dos poemas, foram feitas, no presente artigo, três leituras que dialogam com os estudos de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Djamila Ribeiro.

O poema *porque uma mulher boa* demonstra, de forma irônica e reflexiva, que a sociedade falocêntrica e binária impõe um padrão à mulher. Entende-se que a autora, por meio desse poema, possibilita ao leitor o questionamento sobre as imposições sociais que tentam determinar como ser e agir às mulheres.

Já *mulher de vermelho* exemplifica uma situação na qual uma mulher usa um vestido vermelho, o que faz com que eu-lírico masculino se questione o porquê de sua escolha. Ressalta-se que o eu-lírico relaciona a simples escolha da mulher a si mesmo, ou seja, para ele ela escolheu o vestido vermelho por causa dele, pois o deseja. A partir do poema, percebe-se que a mulher não tem lugar de fala sobre sua própria escolha e atitude, uma vez que o eu-lírico conclui o porquê do uso do vestido vermelho sem o seu pronunciamento. Novamente, entende-se que a autora Angélica Freitas representa esta situação com ironia para possibilitar reflexões acerca do ser feminino e seus direitos e desejos.

Por último, o poema *mulher depois* apresenta uma pessoa que difere do padrão de mulher da sociedade binária, uma vez que não nasceu com órgãos considerados femininos. Porém, afirma que se tornou mulher na Tailândia. É possível perceber que o eu-lírico transcendeu os padrões impostos pela sociedade a que pertence e tornou-se a mulher que realmente é.

Diante disso, o livro *Um útero é do tamanho de um punho* possibilita a reflexão acerca do que é ser mulher na sociedade brasileira, de forma irônica e crítica. Por fim, a pergunta “o que é

ser mulher?”, questionamento base do presente artigo, provavelmente não pode ser respondida, mas a palavra “pluralidade” precisa ser considerada nesse contexto. Também, em relação ao questionamento base, é importante que a mulher, o Outro, possa transcender para ser o que deseja ser, ou seja, que ela possa conhecer e compreender as representações impostas pela sociedade e conseguir escolher o que realmente deseja ser.

Mas para isso ocorrer é importante que a sociedade como um todo reflita sobre as representações impostas às mulheres. Ou seja, é importante quebrar com conceitos acerca da mulher, como os demonstrados no dicionário de Ferreira (2004), que ser mulher significa possuir qualidades tipicamente femininas e que está relacionada ao homem como parceira sexual ou esposa.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Ed. da Univates, 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PRIBERAM. Mulher. **Priberam dicionário** [online]. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/mulher>> Acesso em: 24 maio 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido em 4 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.